

"Corpo Manifesto"

Lista de Diálogos

Não dá pra apagar o fato de que você foi olhada pelos outros como mulher.

Não é que eu demorei pra admitir mas eu tinha um conflito com isso, porque ser mulher pressupõe uma questão de opressão e ser oprimido é muito chato.

Sou mulher, sou negra, sou de periferia, acho que meu corpo é marcado a ferro, sabe, pela opressões. Me lembro a primeira vez que me chamaram de vagabunda, eu tinha 12 anos de idade, a idade da minha filha hoje.

Eu sou mulher e sou lésbica, então assim, e pra eu entender isso? Não tinha caixinha, não tinha internet pra me explicar nos anos 90.

Eu acho sim que a questão de gênero tá sendo revista de muitas formas e maneiras e eu acho que no futuro podemos chegar a outros entendimentos do que seja gênero. Existem pesquisas recentes que dão conta de uma distribuição do XX e XY muito diferente do quadro binário com que era apresentado.

Independente de ter barba ou de não ter barba as pessoas se auto-denominam. Tem que romper com todas essas classificações. Os nossos corpos são corpos que são designados como mulheres, como de mulher. Nasceu com vagina é mulher.

Então uma mulher de 34 anos que não quer casar, não quer ter filhos... O que tá acontecendo com você? Mas tão bonita, tão inteligente e tá sozinha? Meu Deus, 2015 e é essa pergunta que você tem pra mim?

(Imagem de arquivo) Aí está você - nós existimos! Nós existimos, nós existimos...

É fechativo ser obrigado a responder: Você é homem ou mulher? Mas você é homem ou mulher? Eu acho que isso fecha a questão demais. Eu não sou nem uma coisa nem outra. Eu sou uma mulher possível. Eu sou uma mulher categoria aspirante. Tem várias respostas possíveis. Eu sou uma dessas mulheres que só dizem sim.

(OFF) Eu acho que o feminismo supõe uma atitude de ruptura, de ruptura com uma cultura feminina que é construída pelo masculino.

(OFF) Porque ser mulher num sentido crítico tem realmente tudo a ver com estética, com imaginação, fantasia, sonho, delírio, utopia e eu acho que é assim que a gente pode fazer.

O feminismo não veio para destruir os homens e nem para libertar a mulher. Ele veio para libertar as mulheres da mulher. Quer dizer, dessa construção do feminino do século XIX. Fantástico né?

(Imagem de arquivo) Eu não posso fazer isso? Então o que podemos fazer?

Eu sou uma filha bem nutrida do patriarcado. Eu sou uma mulher cheia de insegurança. Mas a minha filha não vai passar por isso. Ela sabe que ela pode ser engenheira, piloto de helicóptero, ela pode beijar homem, mulher, o que ela quiser. Eu não, fui saber disso quase aos trinta sabe?

Eu me sinto um pouco privilegiada por conhecer o feminismo porque eu vejo meninas da minha escola que não conhecem o feminismo e que acham que é desnecessário.

(OFF) A mulher nasce livre e tem os mesmos direitos do homem. As distinções sociais só podem ser baseadas no interesse comum.

(OFF) Olhem pra mim, olhem pros meus braços, eu arei, e plantei e juntei a colheita nos celeiros. E homem algum poderia estar a minha frente e eu não sou uma mulher?

(OFF) Camaradas trabalhadoras, por longos séculos a mulher não teve liberdade e direitos pois era tratada como um mero apêndice, como a sombra do homem.

(OFF) A gente tem que olhar pro passado, pra tradição de opressão, descobrir quem nessa tradição de opressão conseguiu avançar e se posicionar em outro lugar e nesse sentido criou-se um método, uma postura ou um jeito de lutar, um método político. Acho que isso atrapalha o patriarcado porque o que se espera das mulheres é que elas sejam escravas e não autônomas.

Durante a primeira metade do século XX não se tinha uma produção de teoria feminista, você tinha reflexões, produção militante, tal, mas as mulheres sequer tinham acesso a universidade. Então como elas massivamente entram na universidade no final da primeira metade do século XX, começo da segunda, é quando, principalmente no pós guerra, é quando a gente tem a efervescência de produção de teoria. Então as mulheres vão estudar filosofia, elas vão estudar história, elas vão estudar saúde pública. Elas vão pra todas essas áreas e nessas áreas muitas delas vão atrás de estudar questões relativas as mulheres, as questões específicas dessa categoria mulher que tinha sido construída socialmente antes.

Toda essa classificação tá em função de uma lógica do capital, de uma lógica da produção, de uma lógica de quem ocupa que lugar dentro da produção e do consumo. Então ser feminista pra mim não é só defender a questão da mulher, ser feminista é combater o capital.

(imagem de arquivo) Se a mulher está despolitizada, despolitiza o homem. Isso é muito sensível na França porque ela também o retém em casa, veem juntos a televisão. Deste modo, ao impedir a mulher de se politizar, impede-se igualmente o homem de ser politizado e impede-se a mulher de se politizar, se lhe impede que trabalhe. Porque a verdadeira vida política não é o voto, que serve, pelo contrário, para manter a despolitização, porque se vota para, admitamos, o poder pessoal. É pela participação nos sindicatos, em grupos de pressão, pelo trabalho, pela vida econômica é que um indivíduo se pode integrar na vida social. Por isso, se mantém a mulher em casa, longe da vida econômica, ela é mantida longe da vida política. Acho que esta é uma das razões muito fortes pelas quais há todo este movimento contra a emancipação feminina.

(OFF) (Imagem de arquivo) É a primeira grande manifestação feminista em Paris, desde 1936. As militantes feministas de 1971 querem prioritariamente uma sexualidade feliz e livre dos angustiosos problemas materiais, e reivindicam a contracepção livre e gratuita e a liberdade do aborto.

(OFF) Se escrevesse hoje "O segundo sexo", daria bases materialistas e não idealistas à oposição do mesmo e do outro. Basearia a rejeição e a opressão do outro não no antagonismo das consciências, mas na base econômica da diferença. Não se nasce mulher, tornamo-nos mulheres. Retomo a minha autoria desta fórmula que exprime uma

das ideias mestras de “O Segundo sexo”, que só deveria ser completada por: Não se nasce machos, eles tornam-se machos. A virilidade também não está garantida no início.

(OFF) Eu acho que mudar é difícil mesmo. Quando eu li o segundo sexo, comecei e parei... Foi isso assim, é muito chocante. Isso vai me mudar pra sempre, não tem volta. Então você assumir o poder de transformação, assumir a mudança, a tomada de consciência

É muito difícil até porque a mulher está cercada de correntes por todos os lados.

(OFF) Quando o movimento feminista surge no século XIX, surge com essa questão da mulher universal né? Vamos lutar pelo direitos das mulheres.

Num primeiro momento lutando pela direito ao voto, pelo direito da mulher trabalhar, por exemplo, sem autorização do marido.

(OFF) Mas se a gente parar pra pensar isso sequer foi reivindicação de mulher negra... que já veio pra cá como escrava, depois continuou trabalhando. Então o feminismo negro vem sempre perguntar de quais mulheres vocês estão falando, porque mesmo dentre as mulheres, a gente tem diferentes pontos de partida. Existem diversas mulheres contidas nesse ser mulher.

Nós temos que focar na questão da subjetividade, de como produzir subjetividades éticas. Pessoas que sejam minimamente íntegras. Eu acho que pessoas que estão numa luta como o feminismo, que não é uma luta pra destruir os homens e por as mulheres no lugar, não é uma luta pra engrossar os exércitos... Pra isso não precisa né? Para aumentar o facismo não precisa né? Então não é uma luta pra isso. É uma luta de emancipação das mulheres e da sociedade e dos homens também. Nós estamos vendo isso, como o feminismo forçou os homens a se redimensionarem, a fazerem crítica do machismo, da misoginia, e pensar em como ser filóginos que é o oposto de misóginos.

Hoje a gente tem grupos feministas que discutem nichos e especificidades de gênero, de questão racial que são muito importantes.

Se a gente for olhar os dados da violência, das mulheres que são vítimas da violência doméstica, a maioria é mulheres negras, mortalidade materna, mulheres negras, aborto, mulheres negras. A gente tem que romper com essa tentação de universalidade.

Você é branca, você é burguesa, você tem o seu dinheiro. Se você precisar fazer um aborto você vai lá e paga na melhor clínica, se você quiser namorar uma mulher ou um homem ou namorar todo mundo, ninguém tem nada que ver com isso. Você é tão livre, tão livre na prática porque você é burguesa. Mas e as mulheres que estão subjugadas, sempre recolocadas nas posições de vilipêndio, violência, aviltamento, subalternidade?

As mulheres negras são violentadas porque elas já são objetificadas desde sempre, elas já são animalizadas desde sempre.

(OFF) (Imagem de arquivo) É por isso que quando alguém me pergunta sobre violência, eu acho simplesmente incrível, porque o que significa é que a pessoa que me pergunta não tem ideia do que as pessoas negras passaram, o que elas experienciaram neste país desde que a primeira pessoa negra foi sequestrada em um porto da África.

No momento em que uma mulher sofre violência e que ela vai ser culpada, responsabilizada pela violência que ela sofreu, a gente acredita que existe um cruzamento. Então a gente vai somando as nossas várias identidades, cruzando essas identidades e somando a luta, mas é uma luta permanente.

Eu acho que empoderamento pra mim é você conseguir comungar de um poder entre as mulheres, que todas nós temos e a gente fortalece ele quando a gente tá junta, quando a gente troca idéia.

A gente também tem encontrado essas meninas jovens que vêm com uma força e vem com uma liberdade que talvez a nossa geração não conheceu. E eu acho isso muito interessante. Porque muitas meninas que eu tenho contato, que têm hoje 20 anos são meninas que estão vindo com uma liberdade sexual, com um novo pensamento, com novos paradigmas que a nossa geração não teve.

Tá na oitava? Ela tava no sexto ano, foi fazer um trabalho sobre política. Eu sei que nesse trabalho ela falou sobre transfobia. Vocês conhecem alguma criança de 10/11 anos que sabe o que é transfobia?

Eu só tô aqui falando o que eu tô falando, vocês só estão fazendo esse documentário porque nós estamos num momento histórico em que nós avançamos, as mulheres avançaram e nós estamos aqui filhas e netas e bisnetas e trinetas dessas gerações de mulheres que saíram as ruas, da mesma maneira que hoje nós saímos as ruas pra que no futuro, enfim, nossas filhas e a "humanidade" possa seguir.

(OFF) A legalização do aborto é a única coisa que eu consigo pensar que é um consenso entre todos os grupos feministas.

(OFF) O corpo da mulher ele é visto socialmente como um corpo público. Ele é visto como um corpo que não pertence a mulher. Isso quando ele tá em casa, quando ele tá sozinho no chuveiro ou quando ele tá andando na rua.

(OFF) A idéia de vida como derivada da composição física do homem que coloca um corpo dentro do corpo de uma mulher e esse corpo de mulher nada mais é do que um receptáculo.

(OFF) Se uma mulher não quer ser mãe ela não é uma mulher completa e aí ela vai ter sempre uma falta. Isso não é verdade, a gente cria essa ilusão de que uma mulher precisa ser mãe. Não, até porque a maternidade precisa ser discutida porque é uma escolha que vai colocar a mulher em cheque diante de várias outras escolhas.

(OFF) As mulheres seguirão sendo vistas como seres de segunda categoria enquanto elas não tiverem autonomia sobre o próprio corpo.

A gente falha tanto com as nossas meninas, nossas adolescentes, nossas mulheres, que o aborto é o final de um processo onde uma mulher foi extremamente negligenciada. Ela foi negligenciada na infância quando disseram pra ela: tira a mão da sua periquitinha, é feio, não pode mexer aí. Ela foi negligenciada na adolescência quando ninguém disse pra ela como que os órgãos reprodutores funcionam e que tudo bem fazer sexo desde que você se proteja. Você culpabiliza o sexo e deixa uma adolescente, uma jovem mulher no escuro a respeito de sexo. Você chega pra uma mulher mais velha, já em idade reprodutiva e você fala que os métodos contraceptivos são responsabilidade só dela e

não do homem. Então você falhou com essa mulher em todas as etapas da vida dela. Uma gravidez indesejada muitas vezes é o final desse processo de negligência.

Nós entendemos a maternidade não como um resultado simplesmente biológico. A maternidade se dá a partir do momento que essa mulher deseja ser mãe

(Ieterring) Estima-se que uma a cada cinco mulheres brasileiras já fizeram pelo menos 1 aborto

Há alguns anos atrás eu estava saindo de uma relação e eu descobri que eu estava grávida. A gravidez não era motivo pra essa relação continuar e mesmo que fosse eu tava começando a faculdade e eu não quis ter esse filho. E eu realizei um aborto sozinha na minha casa. Foi tranquilo, não foi uma experiência traumática, foi necessário e eu faria novamente se eu precisasse.

(Ieterring) Muitas mulheres realizam abortos sozinhas ou em locais sem nenhuma segurança.

(Ieterring) Um aborto seguro em uma clínica clandestina custa em média R\$ 4 mil

A gente tem trabalhado com uma cifra de cerca de um milhão de abortos por ano sendo realizados no país. Isso não é qualquer coisa. Se a gente for falar em termos de saúde pública.

(Ieterring) São realizadas por ano no Brasil cerca de 250 mil internações por complicações de abortos.

Quando o Estado fecha os olhos para uma questão de saúde pública tão urgente. Sim, ele está sendo conivente com a morte dessas mulheres, com a mutilação dessas mulheres, com a violência obstétrica que essas mulheres sofrem quando vão fazer abortos clandestinos.

(Ieterring) A cada dois dias uma mulher brasileira morre por aborto inseguro. Em sua maioria, uma mulher pobre e negra.

O mesmo da questão do aborto acontece com a questão da prisão por aborto. Infelizmente hoje a gente tem pessoas que morrem por isso, o foco das mulheres que morrem por aborto é um foco muito específico. Porque todo mundo sabe o endereço de todas as clínicas que você pode ir, todo mundo sabe a maneira de usar o medicamento. Mas isso é restrito a uma parcela da população. Então quem morre e quem é preso hoje é a mulher pobre, é a mulher negra.

É uma questão prioritária dentro do feminismo negro a questão da descriminalização do aborto. Como já foi pauta do feminismo negro na década de 90 a questão da esterilização das mulheres negras. As mulheres eram esterelizadas a força, contra a sua vontade.

A gente vive numa estrutura de classes e numa estrutura racializada e numa estrutura generificada e a vida das pessoas no intercruzamento nesses três tipos de opressão vale menos. Existe uma escala de valor da vida humana de acordo com essas classificações que são feitas sobre as pessoas. E na verdade se você parar pra pensar nos fatos sobre a nossa sociedade, você vê que em real ela tá cagando pra vida. É só um discurso que orienta, é um discurso poderoso que orienta uma série de práticas, de normas, de estruturas, mas ele não é homogêneo, ele não funciona pra tudo.

Em defesa da vida das mulheres que não é, é em defesa da vida de um feto que é protegido enquanto ele tá na barriga da mãe porque quando ele nasce a nossa sociedade tem primado em deixar essas crianças a sua sorte, haja visto o número de crianças abandonadas na rua, haja visto o número de crianças nas periferias sem escola, sem o mínimo de condições de vida e que o estado não tem amparado.

É a grande questão porque se a gente conseguisse legalizar o aborto a gente daria um basta, a gente cortaria pela raiz um processo bio-político muito pesado que acontece com as mulheres há séculos. A relação que a cultura brasileira e a política brasileira têm com as mulheres, a política como um todo mesmo, tem com as mulheres é uma relação de autoritarismo puro. Que não se legalize o aborto não se justifica mas se pratica, se afirma apenas como postura autoritária contra um direito básico das mulheres, que é um direito sobre seu próprio corpo.

(OFF) Um lado do nosso feminismo hoje tem que ser sutil o outro lado do nosso feminismo tem que ser guerra. A gente tem que ser esperta porque o negócio que vem contra a gente é histórico.

(Coro) "Ninguém nos policia não vamos andar na linha!"

(Coro) "É minha! É minha! A porra da buceta é minha!"

(OFF) As pessoas tem que saber que não tá ok. No limite do limite como a gente nunca tem como ter perspectiva se vai ou não vai ganhar alguma coisa...

A gente sempre ta lutando pra ter luta.

(Coro) "Mexeu com uma, mexeu com todas!"

(OFF) Você trazer essa manifestação pra rua que fala de algo que diz respeito a vida dessas mulheres

Com as pessoas se colocando em primeira pessoa, isso tem um apelo imenso.

(imagem de arquivo) O ministério da saúde havia editado uma portaria que legalizava indiretamente o aborto ilegal.

A gente tem um presidente da câmara que quando assumiu disse que a questão da legalização do aborto só passando por cima do cadáver dele.

(imagem de arquivo) Expus as nossa posições e o ministro revogou a portaria e graças a deus por isso.

A minha vontade é passar por cima do cadáver dele.

Gostaria de lembrar os senhores parlamentares que os senhores não foram eleitos pra defender nenhum grupo religioso, nem nenhuma posição pessoal. Isso não nos interessa.

Como que um bispo, um religioso vai decidir se eu vou ter filho ou não vou ter filho? Me poupe, me poupe.

(Coro) "Legaliza, o corpo é nosso, é nossa história, é pela vida das mulheres"

(Coro) " Ô Dilma, você tá de que lado? Da vida das mulheres?"

A questão do aborto é uma reprodução do que é desigualdade e do que é as distorções que o poder econômico traz a sociedade em si.

(Coro) "Se o corpo, se o corpo, se o corpo é da mulher. Ela dá pra quem quiser, ela dá pra quem quiser. Ela dá pra quem quiser, inclusive outra mulher!"

(Coro) " Se as mina se unir, o machismo vai cair, vai cair, vai cair."

(Coro) "Eduardo Cunha vai cair, vai cair, vai cair."

Eu to me sentindo livre. E só de você estar em um lugar com tantas mulheres empoderadas você se sente segura. É muito bom.

(Coro) "Se cuida, se cuida, se cuida seu machista! A América Latina vai ser toda feminista!"

(Coro) "Levanta a mão pro alto, vem fazer revolução, vadias é chapa quente, não aceita submissão."

(Coro) "Pula, sai do chão pela legalização!"

Que todas as mulheres que não tem o privilégio de um megafone na mão neste vão sejam aqui representadas pelo meu corpo.

(Coro) "Vem! Vem! Vem pra rua vem! Contra o machismo."

(Coro) "Eu to na rua, é pra lutar!"

(Coro) "É minha! É minha! A porra da buceta é minha!"

(Coro) "E amanhã! Vai ser maior!"